

PARA UMA REALIDADE COMPLEXA, QUE ENSINO DE ARTES?

Ângela Barcellos Café¹

"*Ninguém escapa da educação*" nos diz Brandão (1992). Ela acontece em cada gesto humano que se instala no mundo concreto, em circunstâncias diversas e originais. É o sujeito, a pessoa humana que faz a educação existir por seus atos, que respondem a uma situação concreta.

Educação é um processo simultâneo de transformar-se e de transformar o mundo, é realidade-processo que não pode ser considerada como "coisa" ou "fato" a ser descrita e medida. Como realidade-processo, a educação permanece mudando, na construção do homem e da sociedade.

A compreensão deste fenômeno da educação (relação de transformação homem-sociedade e sociedade-homem) traz o compromisso social e político do educador.

A *práxis pedagógica* (agir refletido) só tem sentido quando considerada dentro do conjunto da *práxis* humana, porque a prática pedagógica vai além da didática e da aprendizagem. Ela é o processo que visa o aperfeiçoamento de toda a humanidade; é a maneira humana de promoção cultural em todos os setores da cultura, a serviço de toda a sociedade.

Os conceitos de educação, cultura, mundo, sociedade, história, política e "práxis humana" são fundamentais e exigem do educador-professor algumas questões básicas que podem nos remeter ao título do presente texto: *Para uma realidade complexa, que ensino de artes?* Mas as principais perguntas, que se formulam e que o educador atualizado deve se repetir a cada momento são: *Quem é a pessoa humana que temos formado? Quem é a pessoa humana que queremos formar? Qual a sociedade que temos? Qual a sociedade que queremos?*

¹ProfªMs Ângela Barcellos Café - graduada em Educação Física, especialista em Educação, Mestra em estudos do Lazer; Contadora de histórias; professora de didática e prática de ensino e Estágios em Teatro na UFG;

Estas questões básicas exigem outras investigações: Como foram construídas estas sociedades e a pessoa humana? É possível (e como) desconstruí-las e reconstruí-las? Como foi construída a falta de sentido da vida, dessa “*realidade complexa*” em que vivemos?

Como a Arte ou mais especificamente o Teatro na escola poderia contribuir na reconstrução de um sentido para a vida?

Como planejar nossa escola? E o nosso teatro na escola?

Qual a nossa resposta e nosso compromisso?

Na disciplina de Arte educação qual a contribuição do teatro para a sociedade, por meio da escola? Como formar plateias com capacidade crítica para definir o que é um espetáculo de qualidade? Contrapondo espetáculos de mero cunho comercial, de qualidade duvidosa muitas vezes escondidos por traz de luxuosos cenários, figurinos e efeitos tecnológicos, ou visuais?

Diante dessas questões, não é demais reforçar ou mesmo repetir, que o educador deverá antes disso manter em seu pensamento cotidiano as perguntas: que aluno eu tenho? Como eu quero e posso contribuir na formação deste aluno? Que sociedade eu tenho? Que sociedade eu quero ajudar a construir?

À medida que as sociedades tornaram-se complexas e o modo de produção capitalista dividiu a sociedade em classes sociais, a cultura se compartimentou. Hoje, os campos culturais tornaram-se isolados. Também no campo científico, houve fragmentação das ciências e, no interior de cada área científica, várias especializações que exigem profissionais *competentes* para cada saber. Ao mesmo tempo, a vida se compartimentou exigindo hora e momento próprio para cada atividade humana. Nos centros urbanos, com o advento dos meios de comunicação social, há certa uniformidade das atividades culturais, todas elas dentro de um estabelecido, de produtos prontos que impedem a criatividade.

Infelizmente muitas escolas ainda tem uma visão de que o aluno é alguém que não sabe e tem muito a aprender com um professor que sabe tudo, colocando o professor como dono de uma verdade, um modelo a ser seguido e repetido. Este modelo faz parte de uma educação alienada, onde o aluno não

precisa aprender a pensar por si só, o mundo do tudo pronto já oferece os conhecimentos como se fosse possível em sua “completude”. Essa prática, que permaneceu por muitos anos no cotidiano da escola, é hoje questionada a fim de desconsiderar que o aluno, ao chegar à escola, traz consigo uma experiência que o diferenciada das outras crianças, mas que, ao mesmo tempo, as aproxima, quando lhes é dada a oportunidade da troca de experiências. À liberdade permitida ou provocada pelo teatro (ou pelo jogo teatral) contrapõe-se a uma visão de uma educação tradicional, que acredita na aprendizagem pela repetição, infelizmente ainda presente na maioria das escolas.

Assim, a Educação para o século XXI assume a necessidade de formar um homem que conheça e entenda seu potencial individual/universal, para a sua atuação em cada contexto social e político. A dificuldade dos profissionais de Educação, em pensar e lidar com as diferenças, não só físicas, mas também culturais e artísticas apresentadas pelos alunos é histórica. Hoje se reconhece a necessidade de valorizar e trabalhar a herança da cultura local, regional e universal, estabelecendo relações possíveis entre esses níveis, preservando e aprendendo a conhecer e aceitar as diferenças culturais entre as pessoas. Os profissionais do Teatro (assim como da arte em todas as suas linguagens) podem ser mais bem preparados para isso por suas especificidades. As orientações curriculares do Estado de Goiás também apontam essa direção da inserção da cultura local, regional, nacional e universal no currículo da escola, enquanto o contexto mundial exige um caminho na convivência com as diferenças e aceitação de si mesmo e do outro.

Para Bruner (1963), “Os indivíduos diferem por causa das variações na constituição genética, e por causa de suas experiências singulares no decorrer da vida”. Assim, na expressão de Clayde Kluckhohn e Henry A. Murray:

Cada homem é em certos aspectos, como todos os outros homens; como alguns outros homens; como nenhum outro homem (apud Bruner, 1963, p. 220).

Três aspectos constituem o ser humano, sua universalidade, regionalidade e individualidade. Universalmente, todos estão em busca de ser

e viver felizes, de uma ou de muitas maneiras diferentes, ou seja, social e individualmente. Todo ser humano, nesse mundo, precisa de carinho e de respeito, sem exceção. Existem aspectos universais ao ser humano, outros são características regionais de uma dada cultura, além das características absolutamente individuais, sendo esse o *mistério da singularidade humana*.

Certamente que ninguém nunca desejou a sordidez, a feiura ou a falta de sentido. Se FREUD esteve certo ao afirmar que somos todos vitalmente fascinados pela busca do prazer (princípio do prazer), ou bem antes de FREUD esteve certo ARISTÓTELES ao ponderar que a vida humana é uma caminhada constante à procura da felicidade, ninguém pode ter planejado e desejado construir a própria infelicidade do atual ambiente, que caracteriza a tecnologia científica. No entanto todos fomos contribuindo para a construção de um ambiente feio, frequentemente sórdido, e para a instalação de um modo de viver vazio e desorientado (Morais, 1988, p. 158).

No mundo do tudo pronto, o texto, a imagem, o sentimento impõem ao homem uma rápida ingestão de idéias e mercadorias, limitando a possibilidade de escolha, de seleção, segundo seus próprios critérios. Por todos os lados e ao mesmo tempo, nos chegam informações: rádio, TV, videocassete, computador e/ou *Internet*, *out-doors*, cartazes, panfletos... uma variedade e uma quantidade tão estonteante, que chegam a provocar uma congestão de imagens, como já se habituou a dizer. A sociedade, voltada inteiramente para as imagens, ingere ícones em uma velocidade tal que parece impedir seu metabolismo. A rápida ingestão das imagens traz distúrbios metabólicos como consequência, pois, apelando para a visão e a audição mais fáceis e rápidas, em relação à leitura na decodificação de seus signos, resulta no simulacro do pensar. Por comodismo, ou pelalei do menor esforço, o homem abdica da capacidade que lhe é inerente, passa a pensar por meio de quem, na imaginação, está agindo. A grande consequência é uma progressiva inanição da cultura, empobrecimento do conhecimento, da sensibilidade e da criatividade desse homem. Nesse sentido, destaca-se a importância da arte teatral na atualidade, pela possibilidade de, restabelecer uma comunicação que traz enriquecimentos culturais, pois mobiliza a imaginação, o sentimento, a cognição e a criatividade.

Voltando a atenção mais especificamente para o ensino do **teatro** nas

escolas de ensino fundamental e médio verificamos que é uma história ainda muito nova, cuja Lei que obriga o ensino das modalidades específicas só é promulgada em 1971. Somente a partir dessa data é que a maioria dos cursos começa a se organizar para serem específicos e não mais generalistas, formando o professor de educação artística responsável por ministrar as quatro modalidades da arte: dança, música, artes visuais e teatro.

Em razão dessa inexperiência o ensino de teatro na escola sofre não só as investigações e incertezas na busca de soluções para sua efetivação, como também pelas dificuldades inerentes às complexidades do século XXI.

O teatro necessita acontecer dentro do currículo para que o aluno tenha acesso (segundo a abordagem de Ana Mãe Barbosa – ‘*emprestada*’ da área das artes visuais e utilizada na proposta de Reorientação Curricular do Estado de Goiás, elaborada pela SEDUC), ao **fazer teatral** - não como espetáculo, mas como experiência; ao **conhecimento** deste fazer que são suas histórias, seus textos dramáticos e seus contextos; e, a **apreciação crítica** - que se dá quando os alunos são levados para assistirem e comentarem um espetáculo com atores profissionais.

Além desses três pontos abordados outro objetivo importante do teatro no ensino básico é a formação de plateia (DESGRANGES, 2003), como algo específico para além da apreciação crítica da proposta mencionada. Acredito na importância da formação do hábito na infância. É desde pequeno que se estimula a criança a frequentar teatro ouvir, gostar de boas leituras. A linguagem dramática não é a mesma do cotidiano, quanto maior for a experiência do ouvinte, maior a possibilidade de entendimento, do gosto, da apreciação.

Mas estamos longe de solucionarmos os problemas da nossa área. “Algumas escolas estão incluindo a Arte apenas numa das séries de cada um desses níveis (fundamental ou médio) porque a LDB não explicitou que esse ensino é obrigatório em *todas as séries*” (BARBOSA, 2008 p. 13, *grifos meus*).

Outro problema grave é a falta de compreensão de alguns diretores e coordenadores, que querem exigir do profissional licenciado em *artes cênicas*, os conteúdos de artes visuais (como já foi citado anteriormente), por desconhecerem as outras linguagens da ‘Arte’ como conteúdo curricular. Muitas escolas chegam a proibir trabalhos em grupo, alteração das carteiras de

lugar, alegando fazer barulho e atrapalhar as outras aulas; não oferecem alternativas de locais diferentes para o trabalho com o teatro. Entretanto ao tratar de festa são geralmente as primeiras a cobrarem alguma apresentação. Contamos também com o preconceito das famílias e de alguns colegas professores que acham que teatro é brincadeira, a aula não tem importância e tudo passa a ser motivo para ocupar o horário da aula de artes.

O teatro que tem funcionado legitimamente nas escolas são os projetos realizados no contra turno. Nele o aluno é livre para participar e a escola é livre para oferecer, assim as dificuldades enfrentadas são minimizadas. Ótimo, sobretudo quando o projeto é do professor da escola. Tiche Vianna e Márcia Strazzacappa (2008) apontam escolas que não colocam arte em seus currículos “porque há atividades no ‘Projeto Escola Família’ ou ‘Amigos da Escola’ entre outros, que dão conta destes conteúdos” (p. 83).

Ora, embora estes projetos sejam bons, e até mesmo indispensáveis para a escola, como porta de entrada para aproximação da comunidade, além de outras oportunidades, não podem tirar a responsabilidade do conteúdo de arte no currículo escolar para formação básica e integral do ser humano. Devem permanecer os dois, aula no currículo e projeto extracurricular no contra turno, de livre escolha do aluno.

A realidade do momento em nosso Estado e na cidade de Goiânia é em primeiro lugar da falta de professores de teatro com formação específica para atuar nas escolas. E, os poucos que tem conquistado essa formação estão em pouquíssimas salas de aula na rede estadual de educação que seria o local de maior atuação deste profissional. O que tem acontecido é que estes profissionais têm sido encaminhados para escolas de período integral, para trabalhar só com projetos, o que me parece fazer da arte uma espécie de remédio, uma cura para os males, ou ainda pior, uma simples ocupação de tempo, por não saber o que fazer com as crianças o dia todo na escola, uma atividade diferente. Faltam professores atuando também nas salas de aula. Faltam experiências efetivas dentro do currículo escolar, para construção de um sentido para o teatro na escola que seja entendido por toda a comunidade escolar.

Essas experiências de teatro que na maioria das vezes se iniciam por meio dos jogos teatrais com cenas de improviso (de situações cotidianas da

vida dos alunos), por serem espontâneos liberam emoções dando oportunidade aos professores não só de conhecer mais os alunos, mas, também de perceber quando estes necessitam de algum encaminhamento ou auxílio externo (nos casos de violência, ou outros transtornos).

Em um de nossos estágios detectamos um aluno que apanhava do padrasto e da mãe todos os dias antes de dormir. Brigava muito na escola e era tido como 'péssimo aluno'. Quando dada a oportunidade de criação de cena nos grupos em que ele participava sempre havia cena não só de violência, mas, de pais baterem nos filhos na hora de dormir. Isso chamou a atenção do estagiário que conversando com a professora responsável pela sala aprofundou as investigações e encaminhou a família para as devidas providências no Conselho Tutelar.

Deixo aqui essas reflexões para uma área de conhecimento que, mesmo sendo uma das mais antigas da humanidade só agora procura seu espaço no currículo da escola. E, para concluir podemos repetir a pergunta: Como o ensino do teatro, diante dessa realidade complexa em que vivemos, poderia contribuir na reconstrução de um sentido de vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mãe. (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BRANDÃO, Carlos. *O que é educação*. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- BRUNER, E. M. *Panorama da antropologia*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1963.
- DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do espectador*. São Paulo: Huicitec, 2003.
- KLUCKHOHN, C. e MURRAY, H. A. *apud* BRUNER, E. M. *Panorama da antropologia*. São Paulo, Fundo de Cultura, 1963.
- MORAIS, J. F. R. *Filosofia da ciência e da tecnologia: introdução metodológica e crítica*. 5.ed. Campinas, Papyrus, 1988.
- VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Marcia. *Teatro na educação: reinventando mundos*. In: FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3.ed. São Paulo: Papyrus, 2008.